

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i20.38770>

Artigo recebido em: 30/06/2021

Artigo aprovado em: 16/10/2021

Artigo publicado em: 06/01/2022

**BENJAMIN E FREUD**  
**sobre a possibilidade do inconsciente histórico**

**BENJAMIN AND FREUD**  
**on the possibility of the historical unconscious**

*Daniel Francisco dos Santos<sup>1</sup>*

*([francisco.daniel58@hotmail.com](mailto:francisco.daniel58@hotmail.com))*

**Resumo:** O presente estudo se propõe a uma análise da relação entre o conceito freudiano de inconsciente e o conceito benjaminiano de história. A análise de tal relação se dará com o objetivo de perseguir a seguinte pergunta norteadora: como pensar a formulação de um “inconsciente histórico”? Na busca de um inconsciente da história, vemos que não só a psicanálise pôde ser aplicada à história, mas que ela também é possuidora de uma perspectiva peculiar. Assim, dizemos que uma perspectiva psicanalítica da história pode ser vislumbrada de duas maneiras distintas: a partir da temática filogenética da metapsicologia freudiana e na concepção da história como distorção. De ambas as perspectivas psicanalíticas extraímos dois aspectos importantes para pensar uma perspectiva onírica da história que pode ser vislumbrada a partir da concepção de história de Walter Benjamin.

146

**Palavras-chave:** Benjamin. Freud. Inconsciente. História.

**Abstract:** The present study proposes an analysis of the relation between the Freudian concept of unconscious and the Benjaminian concept of history. The analysis of such a relationship will take place with the purpose of pursuing the following guiding question: how to think the formulation of a “historical unconscious”? In the search for an unconscious of history, we see that not only psychoanalysis could be applied to history, but that it also possesses a peculiar perspective of history. Thus, we say that a psychoanalytic perspective of history can be glimpsed in two distinct ways: from the phylogenetic theme of Freudian metapsychology and in the conception of history as distortion. From both psychoanalytic perspectives of history we extract two important aspects to think about a dream-like perspective of history that could be seen from Walter Benjamin’s conception of history.

**Keywords:** Benjamin. Freud. Unconscious. History.

O presente artigo se propõe a uma análise da relação entre o conceito freudiano de inconsciente e o conceito benjaminiano de história. A análise de tal relação se dará com o

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8360695571757528>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5967-8789>.



objetivo de perseguir as seguintes perguntas norteadoras, a saber, como pensar a formulação de um “inconsciente histórico”? Como o inconsciente histórico se aplica a uma crítica da história? Antes de proceder à reflexão acerca de tal relação, faz-se mister aclararmos nosso objetivo. Assim, não é aqui nossa intenção psicanalisar a filosofia de Walter Benjamin, muito menos “benjaminizar” Freud. Nosso esforço mais aponta uma aproximação entre os autores pelos seus conceitos do que realiza uma forçosa subsunção entre os diferentes pensamentos, não respeitando as peculiaridades que lhes são próprias e que, por si, excluem justaposições ou falsas apropriações. Porém, pensar numa formulação como a do “inconsciente histórico” é problemática, uma vez que se trata de conceitos aparentemente antitéticos. Se o inconsciente é intemporal, como nos diz Freud em *Além do princípio do prazer*, como ele pode ser histórico? São perguntas como essa que, quando colocadas, põem-nos a refletir se aqueles saberes distintos podem de alguma forma ser coadunados. Assim, podemos pensar que a psicanálise não pode ser aplicada ao amplo campo da história, por se tratar de uma espécie de psicoterapia que lida com transtornos de ordem psicológica e se encontra situada no reservado âmbito da clínica. Podemos também pensar que a temporalidade da história não se aplica ao inconsciente, porque necessita do encadeamento dos acontecimentos vividos dispondo o passado ao lado do presente, enquanto no inconsciente o primado da atemporalidade mantém borradas tais fronteiras. Ponderamos também que a possibilidade de pensar no inconsciente histórico não consiste em uma invenção audaciosa ou em um esforço para que tal formulação soe como algo imaginativo, uma vez que não podemos tratar a história como ser que é possuidor de um psiquismo, portanto, de um inconsciente. Dizemos isso para minimizar o caráter de novidade que possa ser atribuído à formulação do inconsciente histórico, uma vez que Freud já havia pensado numa possibilidade semelhante ao vislumbrar a possibilidade de a psicanálise ser aplicada a outras áreas.

A ampliação do saber da psicanálise foi tamanha que ela pôde, então, ser expandida para outras áreas diferentes do saber médico, e aquelas questões que antes nos inquietavam terminaram por esmorecer. Na *História do movimento psicanalítico*, Freud pôde observar a partir da clínica das neuroses que a investigação psicanalítica proporcionou tamanha ampliação em seu saber, que extrapolou os limites individuais da clínica. A psicanálise pôde então se aproximar da arte, da literatura e da história. E como tal saber se alicerça no conceito de inconsciente, isto é, ocupa-se com a investigação clínica dos processos inconscientes dos sujeitos, perguntamo-nos aqui se também podemos efetuar uma busca pelo inconsciente nas demais áreas às quais agora aquela podia vincular-se, incluindo



assim a história. Desse modo, podemos perguntar: é possível vislumbrar um inconsciente da história?

Na busca de um inconsciente da história, vimos não só que a psicanálise pôde ser aplicada à história, mas que ela também é possuidora de uma perspectiva peculiar da história. Nesse sentido, Freud, em *Neuroses de transferência: uma síntese*, escreve que os períodos da história da humanidade se apresentam de algum modo projetados numa sequência etiológica. Assim, de modo semelhante à linha temporal que esboça as eras da história da humanidade, também era possível vislumbrar de modo coetâneo uma linha cronológica para as neuroses. Dito de outro modo, ao lado das fases de desenvolvimento da história que se apresentam numa sequência cronológica, é possível vislumbrar uma sequência cronológica para as neuroses, que aparecem distribuídas em duas classes: as neuroses de transferência e as neuroses narcisistas.

O inconsciente histórico apresentaria, nessa perspectiva, um conteúdo coletivo partilhado por todos os homens, uma vez que estes possuem uma estrutura de conteúdos psíquicos em comum, que foi obtida não somente ao longo de suas vivências particulares, mas com base na história da espécie, com um conteúdo que lhe é peculiar, resultante dos processos das neuroses.

Porém, o estudo sobre a possibilidade do inconsciente histórico não se limita apenas à perspectiva da história que detém a psicanálise. Nesse passo, o inconsciente histórico pôde também ser vislumbrado a partir de outra perspectiva da história, numa perspectiva, por assim dizer, crítica e onírica, conjecturada a partir da concepção de história de Walter Benjamin.

## 1 A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DA HISTÓRIA

O que queremos dizer com a perspectiva histórica da psicanálise é que tal campo do conhecimento pode ser detentor de uma visão sobre a história. Não falamos isso de maneira simplória ou forçosa. Para tanto, baseamo-nos nos seguintes escritos freudianos: *Neuroses de transferência: uma síntese*, *Lembranças encobridoras* e *A questão de uma Weltanschauung*.

Numa carta a Ferenczi, Freud (1987, p. 87) diz ter descoberto “[...] o enigma do tempo e do espaço e do mecanismo há tanto procurado do desencadeamento da angústia”. Do trecho da carta apresentado podemos tirar várias reflexões, que nos levam a conceber de que maneira a psicanálise esboça uma perspectiva sobre a história. Vemos numa só



frase, de maneira associada, *tempo, espaço e angústia*, o que indica que a apresentação de tais termos em ligação não é exposta de maneira casual.

Para Freud, as fases da história da humanidade se apresentam de algum modo esboçadas numa sequência etiológica. Em outros termos, a urgência de uma história de angústia corresponde a um período remoto da história do homem que coincide com o surgimento das primeiras privações. Angústia, tempo e espaço se apresentam ligados como no fio de uma perspectiva histórica muito peculiar. O trecho da carta apresenta de forma muito geral uma ideia que se encontra esboçada em seu texto *Neuroses de transferência: uma síntese*. Nele, Freud expõe a ideia de que, junto com as fases de desenvolvimento da história estabelecidas numa sequência cronológica, é possível também vislumbrar uma sequência cronológica das neuroses, que aparece dividida em dois grupos, a saber, as neuroses de transferência e as neuroses narcisistas. Porém, não se trata apenas de uma observação de ambas as sequências cronológicas numa analogia estéril. Tais fios cronológicos correspondem em certos pontos e se encontram no início da história da humanidade.

O contexto de tal “início” remonta a um momento em que reinava na terra um período de fartura, isto é, um período caracterizado pela mais completa ausência de privações. O homem tinha então, no mundo, a plena satisfação de suas necessidades. Nada lhe faltava. Contudo, esse quadro de extrema riqueza veio posteriormente a ser abalado por uma série de vicissitudes que foram impostas com a chegada da era glacial. Diante de tamanho quadro desesperador, a humanidade se viu angustiada (FREUD, 1987, p. 75).

O homem, então, para a superação desse quadro aterrador, precisou desenvolver uma série de medidas adaptativas. Ante a escassez de alimentos, viu-se inclinado a agir conforme seu instinto de autopreservação. Para isso, foi necessário resignar-se da também poderosa inclinação para o prazer da procriação. Como as provisões não eram suficientes para todos, ao mesmo tempo que o dispêndio de energia individual era inócuo para manter os famintos, o aumento da população seria algo desastroso para o já preocupante quadro de privações (FREUD, 1987, p. 76). É nesse momento que Freud apresenta os primeiros traços etiológicos engendrados por uma mudança no contexto e que caracterizam o grupo das neuroses de transferência. Impelido a superar as intempéries da era glacial, o homem se viu obrigado a educar seus impulsos sexuais. Porém, a coerção do prazer sexual não se daria de maneira tranquila, isto é, sem conflitos; logo, duas forças opostas entraram em choque: o prazer da cópula contra o impulso à autopreservação, algo que se desenvolve “[...] na maioria dos casos típicos de histeria” (FREUD, 1987, p. 76).



Freud prossegue no pareamento dos traços etiológicos com as fases da história. A referência se volta agora para a histeria de conversão. Com relação a esta última, as proibições que as medidas adaptativas incitaram aparecem refletidas na estrutura patológica. O amor narcisista das mães freou a tentativa de controle da população da comunidade por meio do assassinato dos mais novos. O controle de natalidade se estabelece a partir de então como um “dever social” (FREUD, 1987, p. 76). Contudo, tais preocupações e proibições afetaram mais amplamente as mulheres que os homens, uma vez que os homens se encontravam menos preocupados com o fruto do coito. No mesmo âmbito dessa histeria, Freud escreve que o homem, no período, não possuía fala<sup>2</sup> e, vencido pelas necessidades atuais de autopreservação, se vê obrigado à diminuição da função genital. Como consequência desse recuo, o desenvolvimento da inteligência ganha destaque, e a partir de agora o homem se vê inserido em um mundo que precisa dominar. Forçado a utilizar a inteligência para o controle de um mundo hostil, começa a esboçar os princípios da linguagem, numa concepção anímica do mundo. Ao homem que podia então vislumbrar novas conquistas também foi possível a promoção da sobrevivência daqueles tantos famintos, que, agradecidos, submetiam-se à tutela do grande e sábio pai. Diante deste último, a sociedade se organizou em pequenas hordas. Tal homem foi o primeiro a desenvolver a inteligência, sendo capaz de amparar os mais necessitados arrogando para si sua submissão. É nesse meio que o grande sábio defende as duas primeiras normas, a saber, “[...] sua inviolabilidade e que não pudesse ser negado a ele dispor das mulheres” (FREUD, 1987, p. 77).

Para Freud, outro tipo de neurose acentuada em alguns aspectos corresponde a esse mesmo período da história da humanidade. Assim, é a neurose obsessiva que também irrompe nessa fase. A acentuação de alguns traços se refere a nossa intensa atividade do pensamento, na compulsão e “na tendência para leis invioláveis” (FREUD, 1987, p. 77).

Após o término da apresentação dos três períodos distintos e de suas neuroses correspondentes, Freud escreve que a sequência cronológica das etiologias que estaria por vir depende da segunda geração e é definida como neuroses narcisistas, encontrando-se divididas em demência precoce, paranoia e melancolia-mania. Em outros termos, o seguimento cronológico da analogia das neuroses com as fases históricas é concernente à segunda geração, ou seja, à geração dos filhos, uma vez que se trata de um novo período da cultura humana (FREUD, 1987, p. 78).

---

<sup>2</sup> Em tal momento, registra Freud, o pré-consciente se mantém no mesmo nível que o inconsciente. Dito isto, podemos concluir que o homem no período anterior à fala vê-se dominado pelas necessidades puramente inconscientes, como a necessidade de procriação que caracteriza o primado dos genitais (FREUD, 1987, p. 76).



Essa nova fase da cultura humana é marcada por um passo importante, o da necessidade do desenvolvimento da inteligência por parte dos filhos submissos. Estes, motivados por impulsos puramente inconscientes como os que motivaram o pai, a exemplo dos impulsos sexuais, também se sentem enciumados e, por sua vez, forçados a desenvolver a fala para se organizarem e deporem o grande pai da sua posição.

Até o ponto a que chegamos, escreve Freud, não foi necessário um grande dispêndio de tempo com a elaboração de conjecturas muito audaciosas para parearmos as fases do desenvolvimento da humanidade com os tipos neuróticos que lhes são coetâneos. Contudo, em se tratando das neuroses narcisistas, o passo seguinte depende da formulação daquela hipótese da segunda geração (FREUD, 1987, p. 78).

É importante destacar, a partir deste momento, o papel das fixações nas quais as neuroses narcisistas se encontram alicerçadas (FREUD, 1987, p. 80). Diferentes das três anteriores, isto é, das neuroses de transferência que irrompem em meio à luta contra as vicissitudes que caracterizam o período de carência da fase glacial da humanidade, as neuroses narcisistas dependem das fixações originadas da opressão do pai sobre os filhos na nova fase da cultura. A fixação, escreve Freud (1987, p. 70), “[...] é produzida pela fase do desenvolvimento que foi tão demasiadamente marcada, ou talvez detida por um tempo excessivamente longo para que possa passar para a fase seguinte”. Dizendo isso, Freud não confere exclusividade apenas à maneira congênita. Em outros termos, a opressão do grande pai sobre os filhos na segunda geração independe da sua passagem de maneira herdada.

Como visto anteriormente, o respeito ao grande pai, adquirido com a expulsão dos homens, uma vez que estes, quando maduros, concorriam com a disputa das fêmeas, é passado para uma segunda geração a partir de uma castração “não efetiva”, imposta apenas pela presença ou não do grande pai. Numa palavra, o sentimento de castração é engendrado por um longo período de opressão anterior, longo o bastante para ser passado para a geração seguinte. Mas não só. Freud nos diz que impressões demasiadamente precoces também nos causam a fixação. Com efeito, Freud nos fala da possibilidade de um trabalho em conjunto daqueles fatores.

A fixação pode ser ocasionada ou engendrada em meio a dois mundos: a um mundo externo gerador de impressões precoces, logo, adquiridas, que corresponde às neuroses de transferência; e a um mundo interno, o das neuroses narcisistas, no qual o conteúdo da fixação é de origem inata, de um mundo que alguma vez foi externo, mas que a partir de então é transferido de geração em geração como uma herança dos antepassados.



Com efeito, a angústia primeva, a educação dos impulsos sexuais, a autopreservação, o sentimento de castração do grande pai, o parricídio e a culpa primordial são os conteúdos que resultam da passagem daqueles dois mundos, assomam-se naquilo que aqui definimos como o conteúdo histórico do inconsciente.

## 1.2 O conteúdo histórico do inconsciente

Se os tipos neuróticos apontam para as fases da história da humanidade, esta se deu pela influência exercida no inconsciente. Vimos que as vicissitudes da era glacial incitaram uma série de medidas adaptativas, com a intenção de superar tal desastroso quadro. Primeiramente, tais medidas, como a educação sexual e a autopreservação, consistiram no controle dos impulsos inconscientes. Posteriormente, a interferência nos impulsos inconscientes se deu a partir da segunda geração dos filhos. Com efeito, é possível divisar tais influências sobre o inconsciente em dois momentos, estando o conteúdo do inconsciente dependente daqueles períodos distintos.

152

Para Freud, o inconsciente se caracteriza por três aspectos distintos: atemporalidade, filogênese e ausência de não-contradição. Assim, esses aspectos são correspondentes àquele conteúdo do inconsciente. Dito de outro modo, a angústia primeva, a educação dos impulsos sexuais, a autopreservação, o sentimento de castração do grande pai, o parricídio e a culpa primordial se ligam aos aspectos da atemporalidade, da filogênese e da não-contradição. Contudo, tal correspondência não se apresenta de maneira clara e precisa, estando cada elemento ou conjunto de conteúdos ligados a um determinado aspecto e afastados de outro.

Sobre a atemporalidade do inconsciente, Freud, em *Além do princípio do prazer*, registra que “aprendemos que os processos mentais inconscientes são, em si mesmos, atemporais. Isso significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera e que a ideia de tempo não lhes pode ser aplicada” (FREUD, 2006d, p. 39). Noutro ensaio freudiano, a saber, *O inconsciente*, a atemporalidade do inconsciente ganha o seguinte registro:

Os processos do sistema *Ics.* são *atemporais*; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema *Cs.* (FREUD, 2006d, p. 192)



Vemos que “a referência ao tempo se vincula à consciência”; logo, a temporalidade inexistente no inconsciente. Ao mesmo tempo, observamos que o aparelho psíquico se apresenta como uma “estrutura” universal concernente a todos os homens. Logo, o inconsciente também reclama tal universalidade. Nesse sentido, cada homem caminha na linha do tempo com uma parte de sua psique que comporta um “espaço” o qual não sofre a influência do tempo. Dizemos, assim, que tal atemporalidade aponta para uma universalidade, uma vez que o inconsciente subsiste nos sujeitos e os acompanha ao longo da história. Enquanto a consciência conta as horas e os minutos na passagem das gerações, o inconsciente mantém-se “estático”. Se no inconsciente é permitido um espaço sem tempo, devemos então esperar um conteúdo que atravesse as gerações, desde a existência do primeiro homem. Assim, dizemos que ambos os conteúdos provenientes daqueles dois momentos distintos, ou seja, da resolução das neuroses de transferência e das neuroses narcisistas, permanecem adormecidos em tal atemporalidade, precisando de um estímulo para irromper. O homem pode, assim, depois de séculos transcorridos desde a era glacial, ter acesso àquele conteúdo primevo, por meio de uma herança filogenética que se apresenta como o segundo aspecto do inconsciente.

153

Freud, na *Interpretação dos sonhos*, anota a existência de um conteúdo comum a todos os homens que sonham. O sonhar nos proporcionaria um retorno, cujo conteúdo tem em seu núcleo uma imagem da infância filogenética, uma imagem da infância da espécie. E sonhar nos possibilita o acesso a tal herança da raça humana:

[...] O sonhar é em seu conjunto um exemplo de regressão à condição mais primitiva do sonhador, uma revivescência de sua infância, das moções pulsionais que a dominaram e dos métodos de expressão de que ele dispunha nessa época. Por trás dessa infância é-nos prometida uma imagem da infância filogenética – uma imagem do desenvolvimento da raça humana, do qual o desenvolvimento do indivíduo é, de fato, uma recapitulação abreviada, influenciada pelas circunstâncias fortuitas da vida. (FREUD, 2006b, p. 578)

O sonhar, além de permitir um retorno à “infância daquele que sonha”, permitiria também o acesso à infância filogenética da espécie. O sonho expressa, de maneira condensada, camadas de acontecimentos ou de desenvolvimentos históricos distintos. O indivíduo pode então ter acesso, de uma só vez, ao conteúdo de um passado mais recente, que condiz com suas vivências particulares como também ao conteúdo de um passado primevo, que corresponde ao passado da espécie.



O terceiro aspecto do inconsciente é a sua isenção da não-contradição. E aqui entram em cena os processos inconscientes de condensação e deslocamento. A ausência de não-contradição é assim representada por esses dois processos psíquicos. Para Freud, ambos os processos constituem a mola propulsora do trabalho dos sonhos. É por meio deles que o sonho consegue escapar à censura que lhe é imposta na travessia por entre as instâncias. Nesse passo, o sonho, que é a expressão do desejo, toda vez que realiza a travessia partindo do inconsciente até chegar à consciência, trava um embate com a censura, gerando uma distorção em seu conteúdo (FREUD, 2006b, p. 178). O deslocamento é, assim, “[...] um dos principais métodos pelos quais a distorção é obtida” (FREUD, 2006b, p. 334). Por sua vez, a condensação opera pela fusão de pensamentos e imagens que, anteriormente contraditórios, surgem no conteúdo dos sonhos em relativa harmonia, coexistindo lado a lado. Assim, os conteúdos históricos do inconsciente podem se fundir por meio dos processos de condensação e deslocamento, com elementos de um passado mais recente, sem implicar contradição.

Nesse sentido, é com vistas a tais aspectos do inconsciente, ou seja, a atemporalidade, a falta de não-contradição e a filogênese, juntamente com os conteúdos que lhes são correspondentes, que vislumbramos a possibilidade do inconsciente histórico. Este se apresentaria naquele conjunto de textos como um conteúdo coletivo, com um núcleo intemporal e invariável, que coexiste com o inconsciente particular de cada indivíduo, “um outro inconsciente” – se assim pudermos chamá-lo. É como se os homens compartilhassem uma estrutura de conteúdos psíquicos em comum, que não foi somente adquirida ao longo da história individual de cada um, mas, com base na história do gênero humano, com um conteúdo que lhe é peculiar, resultado dos processos das neuroses naqueles dois momentos distintos.

Pensar numa história desse tipo, de caráter universal, é também pensar na possibilidade de um inconsciente histórico, uma vez que a história da humanidade caminha de acordo com a influência do seu contexto nos processos inconscientes primevos.

A história pensada nessa perspectiva traz a marca indelével e intransponível de vários elementos que figuraram em dois momentos decisivos na história da humanidade. O homem está fadado a carregar aqueles elementos por toda a sua vida. A história é posta em camadas e com um núcleo que irradia a seus demais segmentos; despida de suas camadas, encontramos um conteúdo primeiro, que podemos chamar de inconsciente histórico. O sujeito traria consigo a história de mil sujeitos que extrapolam temporalmente sua era individual.

Mil eras em uma. Como mais uma vez anota Freud em *Totem e tabu*:



Ninguém pode ter deixado de observar, em primeiro lugar, que tomei como base de toda minha posição a existência de uma mente coletiva, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo. Em particular, supus que o sentimento de culpa por uma determinada ação persistiu por muitos milhares de anos e tem permanecido operativo em gerações que não poderiam ter tido conhecimento dela. (FREUD, 2006d, p. 159)

Com efeito, é com base na ideia de uma “mente coletiva” que atua por detrás de uma “mente individual” e que faz com que conteúdos primevos – como, por exemplo, “a culpa” – atravessem o decorrer das gerações que vislumbramos a perspectiva psicanalítica da história como distorção.

### 1.3 A história como distorção

Vimos anteriormente, em *Neuroses de transferência: uma síntese*, que Freud apresenta uma perspectiva da história na qual as fases da humanidade acompanham os tipos neuróticos. E, com isso, dissemos que Freud estabelece um princípio no seu texto. Se cada acontecimento histórico que nos impõe uma mudança radical de contexto nos suscita uma nova sensação, devemos também esperar seu reflexo em nossa psicodinâmica. Dito de outro modo, se os tipos neuróticos são ocasionados por mudanças ocorridas no contexto em que se encontram, podemos considerar tal condição como um princípio e esperar que novas mudanças no contexto gerem novos tipos neuróticos. Porém, ao vislumbrarmos uma perspectiva desse tipo, não queremos dizer que o conceito freudiano de inconsciente respeite uma sequência linear e cronológica dos seus eventos fundantes, até mesmo porque incorreríamos em erro ao apresentar coisas de maneira contraditória, estabelecendo, assim, uma rigidez ao dinamismo, à atemporalidade ou ausência de não-contradição, característicos do inconsciente.

Freud, em *A questão de uma Weltanschauung*, de 1936, um texto posterior ao “manuscrito”, apresenta uma perspectiva da história que, em linhas gerais, corresponde ao mesmo princípio utilizado no texto de 1915. Escreve Freud em tal texto:

Não sei como posso desembaraçar-me da minha opinião leiga segundo a qual a estrutura de classes da sociedade remonta às lutas que, desde o começo da história, se desenrolaram entre hordas humanas muito pouco diferentes umas das outras. A vitória era decidida por fatores psicológicos, como a quantidade de agressividade constitucional, contudo também pela firmeza da organização dentro da horda e por fatores materiais, como a posse de armas



superiores. Vivendo juntos na mesma área, os vitoriosos tornavam-se os senhores e os vencidos se tornavam os escravos. [...] É inequívoca a influência exercida sobre as relações sociais da humanidade pelo progressivo controle das forças da natureza. Pois os homens sempre colocam seus instrumentos de poder recentemente adquiridos a serviço de sua agressividade e usam-nos contra os outros homens. A descoberta dos metais – bronze e ferro – pôs fim a épocas inteiras de civilização e às respectivas instituições sociais. Realmente acredito que foram a pólvora e as armas de fogo que aboliram a cavalaria e o governo aristocrático, e que o despotismo russo já fora condenado antes de perder a guerra, porque não havia casamentos entre famílias reais da Europa que pudessem produzir uma raça de czares capaz de fazer frente à força explosiva da dinamite. (FREUD, 2006i, pp. 172-173)

De maneira semelhante ao desenvolvimento anterior, podemos dizer que o controle da natureza por meio da razão mais uma vez se fez decisivo no desenrolar das fases da história. Agora as novas descobertas realizadas pelo homem, tais como “a pólvora e as armas de fogo”, utilizadas a serviço da “agressividade” foram decisivas no contexto histórico em que figuraram. Assim, pode-se observar semelhante linha de raciocínio entre as duas obras, a saber, o uso da razão para o domínio da natureza e dos outros homens. Enquanto no início dos tempos o primeiro homem a desenvolver a inteligência pôde amparar aqueles que careciam de provisões, subjugando o restante dos homens, agora aqueles que desenvolvem as armas mais letais podem pôr os outros a seu jugo. Além do quê, o momento constitucional primevo também é mantido; as “lutas entre as hordas” representam um impulso agressivo como um acontecimento primeiro que é subjacente ao desenrolar futuro. Em outros termos, ambos os contextos históricos sofrem transformações em virtude do uso dos impulsos agressivos, “quantidade de agressividade constitucional”, como chama Freud, a serviço da razão.

Podemos imaginar que tais descobertas tenham sido geradoras de sensações também inéditas para o homem que ali pôde presenciá-las. Dizemos isso com base no desenvolvimento freudiano em *Neuroses de transferência: uma síntese*, no momento em que apresenta o surgimento das duas primeiras normas da sociedade. Vimos que, para o desenvolvimento dessas duas primeiras normas, foram necessários os acontecimentos que se desenrolaram a partir de uma segunda geração dos filhos da horda primitiva. Nesse sentido, é a partir da fixação de acontecimentos anteriores que o desenvolvimento de uma psicodinâmica é pensado.

Porém, não encontramos tal desenvolvimento no texto de 1936. Como hipótese, dissemos que Freud estabeleceu um princípio no “manuscrito”, podendo assim esperar a sua aplicação no contexto em questão. Com efeito, é desse modo que a



perspectiva da história esboçada na época do plano da metapsicologia, em 1915, manteve-se com pequenas alterações no texto de 1936.

Nesse sentido, dizemos que uma perspectiva histórica da psicanálise só pode ser concebida a partir de uma história como distorção. Dizemos isso porque, com base naqueles elementos primevos, podemos supor que várias modificações ou um acúmulo de eventos se sucederam.

Com a perspectiva da história como distorção, vamos além ao tentar novamente construir o modo como um novo passo a passo da história pode ser vislumbrado. Contudo, desta vez faremos diferente. Não equipararemos, como o fez Freud, as fases da história com os tipos neuróticos correspondentes. A tarefa agora é conservar tal princípio para nos perguntarmos: como a história caminhou até os dias de hoje?, para perguntarmos se tal história também considerou novas sensações ou os ineditismos de sentimentos, e também se novas fixações aí se sucederam.

Com base no desenvolvimento freudiano que vimos há pouco, em *Acerca de uma Weltanschauung*, vimos que Freud considera uma série de eventos que se sucederam após a era glacial. Porém, diferentemente do manuscrito, Freud não apresenta quais sentimentos ou sensações se desenvolveram de modo coetâneo a tais momentos da história. Nessa perspectiva, dizemos que um canal temporal que passa através das estruturas pode ser pensado por meio das lembranças encobridoras.

Freud, ao tratar, em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, do modo como se originam as lembranças infantis, esboça a ideia de que a narração histórica funciona ao modo de uma lembrança encobridora. Uma lembrança encobridora é uma imagem que irrompe da memória e tem atrás de si uma série de imagens sobrepostas, encobertas. Diferentes de uma lembrança da idade adulta, as lembranças infantis não se estagnam no momento da experiência vivida para depois serem relatadas. Irrompem muito depois de já passada a fase infantil. É aí que tais lembranças sofrem distorções e falseamentos conforme interesses posteriores. E aqui cabem alguns questionamentos: mas até que ponto tais lembranças podem recuar? Abrangem apenas a vida do indivíduo ou podem recuar ainda mais, abarcando a vida de outros indivíduos, talvez para uma infância da espécie?

É nesse sentido que caminha o desenvolvimento freudiano em *História de uma neurose infantil*. Nesta, ao descrever o processo de tratamento de Serguei Constantinovitch



Pankejeff, que ficou conhecido no meio psicanalítico como o *homem dos lobos*, Freud percebe que seu paciente apresenta lembranças que vão além de sua capacidade rememorativa. Escreve Freud:

Tudo o que encontramos na pré-história das neuroses é que a criança lança mão dessa experiência filogenética quando sua própria experiência lhe falha. Ela preenche as lacunas da verdade individual com a verdade pré-histórica; substitui as ocorrências da sua própria vida por ocorrências na vida dos seus ancestrais. (FREUD, 2006g, p. 104)

Assim, a história como distorção funcionaria do mesmo modo que tais lembranças deformadas, ou seja, lembranças encobridoras que sofrem distorções por conta da tentativa de ordenação do discurso já em fase adulta ou posterior à lembrança original. Numa palavra, a história é distorcida por fatos tendenciosos do mesmo modo que a lembrança infantil evocada em fase adulta é distorcida pela ordem do discurso (FREUD, 2006a, p. 91). A ideia de uma história como distorção possibilitaria ao historiador, ao modo de um psicanalista, uma reordenação dos elementos históricos que se apresentam encobertos, esquecidos e distorcidos.

158

## 2 WALTER BENJAMIN E A CRÍTICA DA HISTÓRIA

De maneira semelhante ao homem freudiano da era glacial, vemos na modernidade benjaminiana o homem utilizar a razão a serviço dos seus impulsos agressivos para a construção de bombas. Em *As armas do futuro*, Benjamin descreve, ao modo de um presságio, de que maneira uma guerra no futuro próximo poderá se processar. Apesar de tratar uma premonição, ou uma mera tentativa de antever o vindouro desenrolar bélico, Benjamin a aponta como uma sequência inevitável, ou seja, como uma progressão fatal de eventos bélicos cada vez piores. A guerra se processará, registra Benjamin em *As armas do futuro*, através de armas químicas com um potencial mortífero jamais imaginado. Para Benjamin, “não há defesa eficiente contra os ataques com gás pelo ar. Por conseguinte, o ritmo do conflito bélico vindouro será ditado pela tentativa não só de defender-se, mas também de suplantar os terrores provocados pelo inimigo por terrores dez vezes maiores” (BENJAMIN, 2013, p. 69). Assim, é de se esperar que as guerras no futuro progridam num “ritmo bélico” que produza “nos outros terrores dez vezes maiores”. A partir da Primeira Guerra, era de se esperar de tamanha progressão fatal o mal cada vez mais



crescente. Além do quê, uma progressão bélica de tal modo infligirá tamanho terror inconsciente, aparentado a uma psicose, que sabotará qualquer contramedida de defesa a tal ataque desmedido (BENJAMIN 2013, p. 70).

Podemos observar uma linha de raciocínio parecida com a que vimos no capítulo anterior e que aqui retomamos, ao tratarmos da modernidade. Assim, podemos dizer que o passado da era glacial, o presente da modernidade e o futuro das armas químicas incidem diretamente nos processos inconscientes, engendrando alterações significantes. Em outras palavras, vemos que a agressividade constitucional, que é de ordem inconsciente, incita a razão dos homens na objetivação de tal agressividade em armas voltando-se novamente para a influência ou alteração dos processos inconscientes dos homens. Numa palavra, o inconsciente influencia o contexto e o contexto influencia o inconsciente. Com efeito, vimos que num passado primitivo, na presente modernidade e num imaginável futuro, ou seja, em três contextos distintos, é mantida uma linha de raciocínio similar, em que a razão é posta a serviço dos impulsos agressivos e as alterações do contexto infligem diretamente na gênese das etiologias mentais.

159

Em *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, vemos mais uma vez desenvolvida a linha de raciocínio que apresentamos em *As armas do futuro*. Em tal contexto, a modernidade se apresenta marcada por uma grande excitação sensorial, uma vez que a grande cidade, a multidão e o surgimento de novas técnicas sobrecarregam de novas sensações o cidadão da Paris do século XIX. Assim, a saturação sensorial é sentida no prejuízo à experiência e no conseqüente despontar das vivências. Dizemos que tal prejuízo representa a influência do contexto histórico no inconsciente do homem moderno, uma vez que tal inconsciente pode ser traduzido pela experiência autêntica (BENJAMIN, 2011b).

Em *Experiência e pobreza*, Walter Benjamin também observa a influência do contexto no inconsciente dos sujeitos. Em tal texto, denuncia a experiência da guerra como uma novidade que irrompe como um contexto ultraexcitatório para o homem, uma vez que

[...] uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (BENJAMIN 2011a, p. 115)



O frágil homem retornava do campo de batalha, silencioso, com dificuldades em comunicar a terrível experiência por ele vivenciada e sentida como traumática.

Nesse passo, podemos observar que o contexto “moderno” apresenta excitações em demasia, comparando-se ao contexto histórico das neuroses de angústia, que apenas possui o infortúnio das privações da era glacial, uma vez que o excesso de estímulos era inexistente ou diminuto; não existiam telefones, carros, a multidão e muito menos bombas lançadas ao ar.

Contudo, o sofrimento ocasionado pelas privações também foi uma novidade para os primitivos, e tal como as bombas pôs o homem moderno em face de sua fragilidade. O período glacial impôs uma mudança radical em volta do mundo do homem primitivo. Aquele que antes tinha tudo provido pela natureza viu com a chegada de tal era o degrading da fartura de outrora. Porém, é possível supor que esse quadro de privações não tenha se estabelecido de modo completo. O intenso frio não acabou de um só golpe com a abundância do alimento, e podemos pensar que tal processo se efetuou de modo paulatino, ou seja, os alimentos pereceram aos poucos, chegando próximo à extinção.

Além disso, o que pensar da influência de outros contextos, de diferentes situações de estímulos como a localização geográfica, outras raças e até mesmo a influência do acaso? Dito de outro modo, como pensar que o contexto inicialmente provido de todas as necessidades e que passou, tempo depois, com a era glacial, à era das privações, se tenha dado de modo uniforme atingindo todo o globo, não deixando espaços para a influência de outras situações? É possível imaginar que, fora o desconforto gerado pela fome, outras sensações também desagradáveis teriam podido ser sentidas. Contudo, por que só a fome é transmitida hereditariamente?<sup>3</sup>

Porém, independente ou não da influência de outras situações engendradas por outros contextos históricos, a fome aparece firmada no inconsciente dos indivíduos por causa da noção de fixação. Com efeito, é sobre esta última que aqui sustentamos a ideia da neurose como canal temporal.

Sobre a noção de fixação, Freud escreve que

A fixação é produzida pela fase do desenvolvimento que foi tão demasiadamente marcada, ou talvez detida por um tempo excessivamente longo para que possa passar toda para a fase seguinte. [...] Tanto pode haver a possibilidade de que tal fixação simplesmente seja congênita, como

---

<sup>3</sup> A “transmissão hereditária” que trabalho aqui se dá a partir da cópula entre os indivíduos ao longo das gerações e, nessa direção, de uma transmissão de conteúdo subjetivo a partir da via filogenética. Pulsional é a carga energética que se localiza na origem da atividade motora na dinâmica do funcionamento psíquico. O ponto aqui é a investigação da perspectiva filogenética.



produzida por impressões precoces e, finalmente, de que ambos os fatores estejam associados. (FREUD, 1987, p. 70)

Nesse sentido, Freud estava ciente de que tais características contextuais também eram passadas de geração a geração, por um processo diferente da relação sexual. Logo, o que se fez determinante para que apenas algumas sensações, e não todas, ficassem gravadas e pudessem posteriormente ser transmitidas entre o inconsciente dos sujeitos, permitindo assim uma comunicação entre impressões de momentos históricos distintos, foi o processo da fixação.

Vimos, com base na citação, que são duas as vias de possibilidade para a fixação, a saber, as “impressões precoces” e a hereditariedade, uma vez que esta pode ser “congênita”. O contexto em que fixação irrompe precisa imprimir uma marca “demasiadamente forte” ou perdurar por um “tempo excessivamente longo” para que se firme na “fase do desenvolvimento” em que desponta. Dito de outro modo, o contexto tem um papel determinante no surgimento de uma fixação, uma vez que são as impressões em demasia, ou o tempo de duração das impressões, que ficam grafadas no sujeito como fixação. É assim que as impressões de contextos históricos diferentes podem se comunicar. É assim que a possibilidade de um canal temporal através da neurose pode ser vislumbrada, e pensamos na seguinte premissa: se a fixação pode guardar algo da história na neurose, é a partir desta que podemos acessá-la.

Dizemos que a perspectiva onírica da história se alimenta da perspectiva freudiana da fixação por duas razões. A primeira razão consiste em dizer que a chave para pensarmos numa perspectiva onírica da história com base na metapsicologia freudiana se encontra na fantasia – na fantasia de castração, que foi transmitida via mitos e contos de fadas por aqueles que fugiram do grande e cruel pai, com medo de que o destino dos irmãos mais velhos se tornasse seu próprio destino (FREUD, 1987, p. 81). Assim, os homens que conviveram próximo àqueles que vivenciaram tal período de sofrimento transmitiram, via mitos e contos de fada, esse conteúdo primevo, alimentando a fixação. Dizemos que se mantém acesa a possibilidade de acesso a outros conteúdos plasmados pela fixação justamente pela transmissão do conteúdo primevo a partir dos mitos e dos contos de fada.

Já na segunda razão, dizemos que o interesse de Benjamin se volta para o ponto no qual os homens submissos ao grande pai, movidos pelo sentimento de injustiça – uma vez que também desejam para si os benefícios do grande pai –, veem-se obrigados a também desenvolver a fala para se organizarem e deporem o pai.



Omar Acha (2007), em *Freud y el problema de la história*, escreve que o fim do domínio do pai na horda primitiva se inicia a partir do desenvolvimento da linguagem dos filhos submissos. Nessa direção, os filhos, por meio da linguagem, puderam se organizar e acordar a morte e a conseguinte ingestão do pai. Já o pai, que apenas gozava da disposição de todas as mulheres, não falava. Assim, insatisfeitos com a submissão a um pai tirânico e que queria o prazer apenas para si, os filhos,

[...] amotinados, forçaram a criação cultural. Este é o significado radical da criação cultural em Freud: a cultura não provém de uma derivação de cima para baixo, não é a continuidade do mesmo que sempre implica opressão; a cultura é o produto da subversão. (ACHA, 2007, p. 69, tradução nossa)

Os homens, assim levados por uma motivação inconsciente, puderam então contrapor uma ordem estabelecida de opressão. Como hipótese, dizemos que Benjamin procura um impulso similar forte o bastante para contrapor uma fixação de um longo período de exploração, injustiça e sofrimento.

Portanto, da perspectiva psicanalítica da história como distorção queremos conservar/trazer para a perspectiva benjaminiana da história, além da possibilidade de vislumbramos um canal temporal por meio da neurose, a ideia da influência do contexto histórico nos processos inconscientes dos indivíduos. Somado a isso, vimos que a noção freudiana de fixação é de extrema importância, uma vez que é por meio dela que Benjamin pretende uma história onírica como crítica. Assim, por meio dessa noção, é possível a busca por elementos plasmados que ajudem a contrapor um contexto de injustiças.

Porém, a noção freudiana de fixação não se encontra sozinha em tal tarefa de demasiada importância. Dizemos aqui que o conceito de sonho é um fundamental aliado do inconsciente histórico, uma vez que permite um acesso mais provável aos conteúdos históricos que guardam tal inconsciente.

## 2.1 A história como sonho

Podemos dividir uma possível explicação do que é uma perspectiva onírica da história a partir de uma linha de raciocínio que pode ser montada em meio ao conjunto de fragmentos encontrados no trabalho das *Passagens*, de Benjamin. Apesar de ser um trabalho de grande extensão, o conjunto de fragmentos que nos ajudam nesta tarefa não se encontra localizado em uma ou duas seções do trabalho em questão, mas



espalhados por toda a obra. Assim, como nos diz Rouanet (1998, p. 39), as *Passagens*, de Walter Benjamin, são “[...] essencialmente notas de leitura e não um texto já montado”. Isso indica que os fragmentos que se encontram ali reunidos não servem a apenas uma ou outra perspectiva, nem podem ser arranjados apenas de uma maneira. Nesse sentido, minha incursão no trabalho das *Passagens* pretende compor uma linha de raciocínio, logo, uma maneira de arranjar os fragmentos que apresente a utilização que Benjamin realiza, se é que ele a realiza, das principais teses e conceitos da teoria psicanalítica, tais como os de aparelho psíquico, sonhos, interpretação, recalque e, principalmente, o ponto de vista genético da metapsicologia freudiana.

Dizemos que tais conceitos e teses contribuem na formação de uma perspectiva peculiar da história, que acreditamos se traduzir numa perspectiva onírica desta. Assim, as passagens, ou galerias, da Paris do século XIX traduzem-se como representações materiais de uma trama onírica. Nelas, isto é, nas passagens, o sonho é materializado. Na perspectiva das imagens dialéticas, as arquiteturas, as ruas, as paredes, toda a cidade se traduz por um sonho, cujo conteúdo manifesto mantém de maneira imanente e latente a história do século XIX. É claro que uma leitura como a que aqui propomos não seria possível sem sua vinculação à teoria psicanalítica. Assim, a materialização do inconsciente nas coisas da cidade só é possível graças à leitura que aquele saber realiza dos processos oníricos.

Podemos dizer que, para Walter Benjamin, a história se apresenta de duas maneiras distintas, distribuída em duas perspectivas do mundo onírico, a saber, uma “positiva” e uma “negativa”.

Para Benjamin (2007, p. 436), “o capitalismo foi um fenômeno natural com o qual um novo sono, repleto de sonhos, recaiu sobre a Europa e, com ele, uma reativação das forças míticas”. Se por um lado a história é considerada onírica por causa do sonho que engendrou o capitalismo, por outro ela também pode ser crítica, uma vez que, ao considerar a perspectiva psicanalítica dos sonhos junto ao conceito de imagens dialéticas, a história pode despertar do sono do capitalismo.

Dizemos que o aspecto “negativo” dos sonhos se dá por conta do “sono” gerador de ilusões, que foi engendrado pelo capitalismo e que ao mesmo tempo “reativou as forças míticas”. A reativação das forças míticas na história pode ser traduzida pela temporalidade do eterno retorno do mesmo, que implica um determinismo do passado sobre o presente. Dito de outro modo, a ideia de destino que é própria dos mitos se aplica à história, estando o homem a caminhar sem uma real perspectiva de mudança sobre o seu presente,



uma vez que a temporalidade mítica “é um tempo não autônomo, parasita de outro tempo, o de uma vida superior e menos natural. Não tem presente, porque esses momentos em que o destino se abate sobre as vidas humanas [...] só em variantes muito particulares conhece o passado e o futuro” (BENJAMIN, 2012, p. 54).

Já o aspecto “positivo” dos sonhos concerne à possibilidade de materialização do mundo onírico nas coisas da cidade a partir do conceito de imagens dialéticas. Assim, as ruas da grande cidade, as passagens ou galerias, a moda e o reclame se apresentam como fenômenos e expressão de um grande sonho que necessitam do despertar. Porém, se mantida no sonho, tal perspectiva da história não consegue sair daquele plano de não consciência que engendrou o sono do capitalismo. Para tanto, a interpretação adquire uma função especial em tal processo do despertar. Porém, por mais que Walter Benjamin compare a história do século XIX a um processo onírico individual, a interpretação da história extrapola o âmbito da relação sujeito e terapeuta ao modo da psicanálise. Nessa direção, não se trata apenas da escuta dos processos inconscientes e da sua posterior realocação no discurso lógico da consciência. Não se trata de apenas fornecer a um conteúdo subjacente à trama onírica sua efetiva explanação consciente. A interpretação que se presta ao despertar, para o historiador materialista, mais se interessa pelo modo como a psicanálise efetua a leitura do inconsciente do que propriamente por sua interpretação. Assim, observa Rouanet em *Édipo e o anjo*, o interesse de Walter Benjamin no desarranjo caótico dos sonhos não se vincula à possibilidade de a futura interpretação psicanalítica trazer uma ordenação a tais elementos caóticos, e sim à possibilidade de utilizar tais elementos caóticos numa leitura da história (ROUANET, 1985, p. 88). Nesse sentido, tal possibilidade de utilização dos elementos caóticos da história somente se fez possível graças à aproximação das imagens dialéticas à concepção freudiana de sonho, uma vez que,

[...] na medida em que se limita a repetir conteúdos do passado, cada produção onírica é na verdade uma reprodução, pela qual o recalcado retorna monotonamente; mas na medida em que cada sonho, para exprimir esses conteúdos, mobiliza sobre a forma de restos diurnos os elementos da vida quotidiana, reordenando-os, criando novas relações, transfigurando objetos familiares, uma nova realidade é produzida [...]. (ROUANET, 1985, p. 94)

O modelo onírico freudiano aplicado às imagens dialéticas possibilita que os conteúdos do cotidiano se somem aos elementos recalcados do passado para o despertar da história, uma vez que é possível uma comunicação entre tais



conteúdos por meio do canal temporal, o que pudemos vislumbrar graças à perspectiva psicanalítica da história.

A possibilidade de “movimentação dos restos diurnos” permite ao historiador materialista identificar o novo em meio à repetição da historiografia que fora engendrada pelas forças míticas reativadas pelo capitalismo. O retorno do conteúdo do inconsciente recalcado apenas aponta para a “reprodução monótona do passado”. Assim, é a ideia de “transfiguração dos objetos familiares” que permite que o “novo da realidade” irrompa. O passado recalcado sozinho não possibilita tal quebra na “reprodução” do indivíduo sonhador, uma vez que se apresenta com as mesmas determinações com que fora outrora engendrado. Dito de outro modo, se deixarmos o passado recalcado com seus conteúdos primevos, estes, por si sós, não interromperão o ciclo de produção e reprodução que permeia a trama onírica, uma vez que se manterão inalterados. Nesse sentido, a interpretação analítica adquire uma importância considerável, pois pode, por meio da decifração do conteúdo dos sonhos, tornar inócuo o trânsito pelo canal temporal mais significativo.

Mas como materializar tal inscrição onírica nas coisas da cidade? Para Benjamin, a ampliação de tal inscrição onírica para as coisas da cidade se dá a partir das características da memória nos sonhos. Nessa direção, os conteúdos dos sonhos podem derivar de três diferentes fontes, a saber, pelas impressões dos dias imediatamente anteriores ao sonho; pelo que é acessório e despercebido no sonho, isto é, por aquilo que é mais trivial; e, por último, pelas impressões mais primitivas de nossa infância (FREUD, 2006b, p. 195). De semelhante modo, a mola propulsora do trabalho dos sonhos é representada pelos processos de condensação e deslocamento, que competem para conferir materialidade aos processos oníricos. Este é um raciocínio que podemos vislumbrar no que escreve Benjamin no fragmento [I 1,3]:

Há muito a psicanálise descobriu as imagens ambíguas como esquematismos do trabalho onírico. Nós, porém, com a mesma convicção, estamos menos no rastro da alma do que no rastro das coisas. Procuramos a árvore totêmica dos objetos na selva da história primeva. (BENJAMIN, 2007, p. 247)

A citação aqui apresentada serve de exemplo da materialização do inconsciente nas coisas do mundo, isto é, nas coisas da cidade. Assim, “com a convicção da psicanálise”, que observou que os processos de condensação e deslocamento – ou seja, “os esquematismos” – são característicos do “trabalho onírico”, o historiador materialista deve, portanto, voltar-se menos para a busca de tais “esquematismos”



no âmbito individual do sujeito que solitariamente sonha do que se concentrar reforçando suas buscas para o coletivo, perseguindo “o rastro nas coisas” do mundo.

Por tais “imagens ambíguas” podemos entender os objetos, a arquitetura, os muros, enfim, as passagens da Paris do século XIX, que trazem em si, ou seja, de forma imanente, uma mistura de conteúdos históricos. Com efeito, aquele que se dispõe a procurá-las na cidade, isto é, na “selva da história primeva”, depara-se com objetos que mantêm em si, de forma imanente, o conteúdo de um passado recente.

Para Benjamin, despertar, interpretar, lembrar e colecionar podem se apresentar lado a lado, uma vez que seguem um único objetivo comum, o de irromper a história do século XIX. Dizemos que a chave principal para o entendimento da perspectiva crítica onírica da história se encontra no conceito freudiano de fixação e no ritmo do jogo das impressões ao perpassar nosso aparelho psíquico. Assim, é numa relação direta com o conceito de fixação que o conceito benjaminiano de história pode ser pensado. Tal chave permite pensar um vetor temporal em que é possível recuperar os elementos perdidos na travessia das gerações e raças pelo tempo. Graças à fixação, é possível reorganizá-los em um novo arranjo, em uma nova configuração, uma vez que ela empareda, isto é, fixa os acontecimentos que se sucederam ao longo do tempo na teia do inconsciente.

Atento à noção de fixação, Benjamin, ao modo de um colecionador, pode transpor elementos que se encontram plasmados no inconsciente histórico. Assim, os elementos que se encontram perdidos, espalhados e esquecidos podem retornar realizando-se uma crítica da história. Por meio da fixação, os elementos dados como perdidos na verdade encontram-se “parados”, “congelados” ou num movimento constante na dinâmica do inconsciente histórico. Por mais que tal processo aponte para uma história primeva sobreposta ao século XIX, não é apenas para efetuar um retorno a ela que Benjamin nos chama a atenção. Ele pretende, ao modo do colecionador, escolher os conteúdos que foram perdidos ao longo dos séculos na passagem das gerações. É com vista a tais conteúdos, do que aqui chamamos de inconsciente histórico, que pretende fazer irromper a verdadeira história, a história que desperta do século XIX, do sonho que engendrou o capitalismo, abrindo assim a possibilidade de uma história crítica.



## REFERÊNCIAS

- ACHA, O. *Freud y el problema de la historia*. Buenos Aires: Prometeo, 2007.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2011a. (Obras escolhidas, v. I)
- BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2011b. (Obras escolhidas, v. III)
- BENJAMIN, W. Destino e caráter. In: BENJAMIN, W. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- BENJAMIN, W. Armas do futuro. In: BENJAMIN, W. *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- FREUD, S. *Neuroses de transferência: uma síntese*. Trad. Abram Eksterman. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. Lembranças encobridoras. Trad. Jayme Salomão. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. v. 3.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. v. 4 e 5.
- FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Trad. Jayme Salomão. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. v. 11.
- FREUD, S. Totem e tabu. Trad. Jayme Salomão. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. v. 13.
- FREUD, S. O inconsciente. Trad. Jayme Salomão. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006e. v. 14.
- FREUD, S. História do movimento psicanalítico. Trad. Jayme Salomão. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006f. v. 14.
- FREUD, S. História de uma neurose infantil. Trad. de Jayme Salomão. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006g. v. 17.
- FREUD, S. Além do princípio de prazer. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006h. v. 18.
- FREUD, S. A questão de uma *Weltanschauung*. Trad. Jayme Salomão. In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006i. v. 22.
- GRUBRICH-SIMITIS, I. Metapsicologia e metabiologia. In: GRUBRICH-SIMITIS, I. *Neuroses de transferência: uma síntese*. Trad. Abram Eksterman. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- ROUANET, S. P. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

